



Revelação

Um aspecto crucial no relacionamento entre o Criador e a criatura é a questão do conhecimento. Não podemos nos relacionar com alguém que não conhecemos. Entre o Criador e a criatura não é diferente. Deus criou o homem e se mostrou a ele, abrindo-se para o relacionamento. No entanto, com a queda, abriu-se o grande abismo do pecado entre o Criador e a criatura, de maneira que conhecimento da criatura a respeito do Criador foi corrompido e obscurecido pela queda. Esta questão do conhecimento que nós podemos ter de Deus para nos relacionarmos com o Eterno compõe o tema da Revelação.

Com a queda a mente e o coração do homem se tornaram embrutecidos para o conhecimento de Deus revelado na criação. Tanto a criação foi engolida pelos efeitos do pecado quanto a mente do homem se tornou corrompida e indiferente a Deus. Dessa forma não seria mais possível o homem criado reconhecer claramente seu Criador nas obras da criação, como bem destaca Berkhof.¹ Dessa forma, a beleza da criação se tornou insuficiente para comunicar a beleza e poder do Criador a criatura. Como poderia o homem se relacionar com Deus sem conhecê-lo? Para que Deus pudesse cumprir seu plano de levar o homem de volta para casa, teria de revelar a si mesmo ao homem, se mostrar de forma especial. Chamamos esse mostrar-se de Revelação.

Revelação é o fato de que “Deus removeu o véu que o cobria se expôs a vista. Em outras palavras, Ele tem de alguma maneira comunicado ao homem o conhecimento de si mesmo, abrindo-lhe o caminho para conhecê-lo, adorá-lo e viver em comunhão com ele”.²

A primeira revelação que Deus fez de si mesmo foi comunicar quem ele é por meio de sua criação, incluindo o homem. Os teólogos chamam essa revelação de natural e/ou geral. Esta revelação é natural no que diz respeito a maneira como Deus se revela, pois é comunicada pela criação, pela natureza, sem palavras, e é geral no que diz respeito a natureza e objeto da revelação, pois está em toda a criação e é endereçada a todos os homens (Salmo 19).³ No entanto, essa revelação natural e geral se tornou insuficiente para o conhecimento pleno de Deus por causa do pecado humano e da corrupção da criação. A Confissão de Fé de Westminster coloca nos seguintes termos: “Ainda que a luz da natureza e as obras da criação e da providência manifestam de tal modo a bondade, a sabedoria e o poder de Deus, que os homens ficam inescusáveis, todavia não são suficientes para dar aquele conhecimento de Deus e de sua vontade, necessário à salvação” (CFW, Capítulo 1, Artigo 1) (Romanos 1).

Isso suscita a grande questão a respeito da revelação: “Como podemos conhecer a Deus?”.⁴ A fim de suprir a insuficiência da revelação geral, o Eterno revelou a si mesmo de uma maneira especial. Esta revelação é sobrenatural com relação a maneira como Deus se revela, pois não é encontrada simplesmente na natureza mas é um intervenção sobrenatural de Deus e é especial no que diz respeito ao objeto e propósito da revelação: “A revelação especial [...] está radicada na obra redentora de Deus, endereçada ao homem como pecador e adaptada as necessidades morais e espirituais do homem decaído e visa levar o pecador de volta para Deus através do conhecimento específico do seu amor redentor revelado em Cristo Jesus”.⁵

Dessa forma, “ao lado da revelação geral na natureza e na história temos uma revelação especial, que está agora incorporada na Escritura. A Bíblia é, por excelência, o livro da revelação especial”.⁶ A CFW nos ensina que “Sob o nome de Escritura Sagrada, ou Palavra de Deus escrita, incluem-se, agora, todos os livros do Velho e do Novo Testamentos, todos dados por inspiração de Deus para serem a regra de fé e de prática” (CFW, Cap. 1, Art. 2). Cabe lembrar que “a revelação divina não liquida o mistério de Deus”,⁷ pois a revelação não esgota quem Deus é, embora seja adequada, confiável e suficiente para que possamos nos relacionar com Ele em amor.

Inspiração

Deus se revelou por meio do registro das Sagradas Escrituras. No entanto, esta questão suscita algumas perguntas importantes: “De que maneira exatamente o Espírito de Deus trabalho em conjunto com os autores a fim de inspirar os escritos sagrados? Quando fazemos essa pergunta, levantamos a questão da inspiração”.⁸ Deus

¹ BERKHOF, Louis. *Manual de Doutrina Cristã*. Campinas: Luz Para o Caminho, 1985, p.30,31

² BERKHOF, Louis. *Manual de Doutrina Cristã*. Campinas: Luz Para o Caminho, 1985, p.26

³ BERKHOF, Louis. *Manual de Doutrina Cristã*. Campinas: Luz Para o Caminho, 1985, p.27

⁴ MCGRATH, Alister E. *Teologia sistemática, histórica e filosófica*. São Paulo: Shedd Publicações, 2005, p.245

⁵ BERKHOF, Louis. *Manual de Doutrina Cristã*. Campinas: Luz Para o Caminho, 1985, p.27,28

⁶ BERKHOF, Louis. *Manual de Doutrina Cristã*. Campinas: Luz Para o Caminho, 1985, p.33

⁷ MCGRATH, Alister E. *Teologia sistemática, histórica e filosófica*. São Paulo: Shedd Publicações, 2005, p.246

⁸ ARNOLD, Bill T. ; BEYER, Bryan E. *Descobrendo o Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p.24

inspirou os autores bíblicos, ou, utilizando a expressão de 2Timóteo 3.16, Deus expirou nos autores o texto bíblico (o termo grego é 'theópneustos', que significa "expirado por Deus"⁹), mas como isto aconteceu? Existem quatro posições clássicas que procuram explicar a relação entre a ação humana e a divina na inspiração.

A primeira é a posição neo-ortodoxa. Nesta perspectiva as Escrituras não são, mas contém e testemunham da palavra de Deus, pois a Palavra de Deus é a revelação experiencial que Deus fez de si mesmo aos homens do passado. Quando Deus se revela a nós de maneira experiencial pela Escritura, então ela se torna Palavra de Deus para nós. A segunda é a teoria do ditado verbal ou teoria mecânica, na qual Deus dita cada palavra ao autor bíblico, desprezando assim o fator humano. A terceira é a teoria da inspiração limitada ou geral, na qual Deus inspira os pensamentos dos autores mas as palavras por eles utilizadas. Esta posição concebe que com relação ao fator humano texto pode conter erros em aspectos não essenciais, de maneira que a mensagem nuclear das Escrituras permaneça preservada. Por fim, a posição da inspiração verbal-plenária, na qual o Espírito Santo interagiu com os autores humanos na confecção do texto. Dessa forma, cada palavra é inspirada por Deus (verbal), embora Deus tenha respeitado o estilo e momento de cada autor, e toda a Escritura é Palavra de Deus (plenária). Isso equivale a dizer que toda a Escritura é inspirada por Deus, de maneira que os teóricos que sustentam a teoria verbal-plenária costumam também defender a posição de que as Escrituras são inerrantes em todos os sentidos.¹⁰

Testemunhas

Deus inspirou os autores bíblicos na escrita dos chamados autógrafos. Mas esses autógrafos não existem mais, o que chegou até nós foram cópias desses textos. Essas cópias são confiáveis? Como podemos saber se partes importantes da mensagem original não foram mudadas tendo em vista más intenções?

Com relação ao processo de transmissão dos escritos do Antigo Testamento, a cópia dos textos foi feita por escribas de maneira tão meticulosa que eles contavam as palavras de cada livro e seção. Eles sabiam, por exemplo, que a Torá (Gênesis a Deuteronômio) possuía 400.945 palavras. Seu trabalho de contagem ajudava a garantir a integridade do texto.¹¹ O texto mais confiável do AT que possuímos é o texto massorético, um conjunto de cópias produzidas por escribas conhecidos como "massoretas" que trabalharam entre 500 e 1.000 d.C. A descoberta dos Papiros do Mar Morto em 1947 revelou papiros de de cerca de 100 a.C. que confirmaram a integridade do textos massorético.¹² Já o texto do NT possui uma comprovada confiabilidade não apenas por que possui muitas cópias bastante antigas mas por que existem cópias em uma abundância espantosa. São cerca de 5.700 manuscritos antigos em grego e cerca de 9.000 manuscritos em outras línguas (síriaco, copta, latim, árabe). A obra antiga que possui mais cópias depois do NT é "Ilíada", atribuída a Homero, com 643 manuscritos.¹³

Canon

A autoridade das Escrituras, tanto do AT quanto do NT, está fortemente arraigada na Inspiração do Espírito Santo. No entanto, como a igreja decidiu que livros eram inspirados e quais não eram? Como se formou o Canon que temos hoje?

A palavra Canon, do grego "kanón", significaria "medida" ou ainda "lista". Não possuímos relatos históricos precisos sobre os métodos utilizadas pela igreja primitiva para fechar o Canon. O Canon do AT utilizado pelos cristão muito provavelmente seguiu o fechamento do Canon judaico no Concílio de Jâmnia, no final do século I d.C.¹⁴ e a referência mais antiga que se tem sobre o Canon do NT é um manuscrito datado do séc. II, que foi descoberto no séc. XVIII pelo sacerdote italiano Ludovico Antonio Muratori, conhecido como Canon Muratório.¹⁵

James Sanders utiliza o termo "processo canônico" para se referir a todos os estágios da formação do Canon, desde a inspiração do autor até o reconhecimento da comunidade de que o livro é inspirado e autoritativo: "Não poderia Deus na pessoa do Santo Espírito trabalhar com todos os indivíduos nas comunidades de fé, em todos os pontos ao longo do processo canônico, tecendo os textos segundo os propósitos e com a verdade do próprio Deus?"¹⁶ Neste sentido o mesmo Espírito que trabalhou na inspiração dos livros autoritativos trabalhou também na comunidade de fé ao longo de todo o processo até o fechamento do Canon em sua forma final.

⁹ MYERS, ALLEN C.: *The Eerdmans Bible dictionary*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing, 1987, p.525

¹⁰ ARNOLD, Bill T. ; BEYER, Bryan E. *Descobrendo o Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristão, 2001, p.24-26

¹¹ ARNOLD, Bill T. ; BEYER, Bryan E. *Descobrendo o Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristão, 2001, p.27

¹² ARNOLD, Bill T. ; BEYER, Bryan E. *Descobrendo o Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristão, 2001, p.27,28

¹³ GEISLER, Norman L.; TUREK, Frank. *Não tenho fé suficiente para ser ateu*. São Paulo: Editora Vida, 2006, p.230-232

¹⁴ SANDERS, James A. *Canon and Community, A guide to canonical criticism*. Fortress Press: Philadelphia, 1984, p.11

¹⁵ THIELMAN, Frank; *Teologia do Novo Testamento: uma abordagem canônica e sintética*. São Paulo: Shedd, 2007, p.61

¹⁶ SANDERS, James A. *Canon and Community, A guide to canonical criticism*. Fortress Press: Philadelphia, 1984, p.2